

Beira Baixa

A viagem foi breve. A estrada conduziu-me ao destino, sem quase dar por isso. Não houve paragem nem desvio.

À chegada, uma sensação doce, um apelo familiar resvala na encosta da Gardunha e ecoa por montes e outeiros desta Raia Beirã. Uma vez mais, a Beira Baixa acolhe-me serena, nas pregas macias do seu relevo, como num reduto final.

Toda a Beira Raiana, refúgio fortificado de memórias, tempo que se perde longe, em busca de uma essência inicial. A Beira que apenas encontro numa neblina indizível de lembranças, com a feliz desfaçatez de quem reinventa o passado, imaculado e glorioso.

Um sobressalto ao chegar. A última curva da estrada a desembocar num tempo mágico, fim de Agosto, o ar repleto desse aroma de trovoadas que enche a mente e acaricia os sentidos. O cheiro a terra quente, húmida, os pingos da chuva a cair, grossos, num chão ressequido de verão, enche o ar como só nestas terras a chuva sabe fazer.

Chuva em trovoadas abrupta, que levanta pelo ar as folhas de sobreiros, que lhes faz cair no chão as bolotas redondas, que sacode com rudeza as giestas ressequidas e confunde na alma o desejo com o temor. Trovoadas que refresca ou destrói. A gente do campo sabe. O verão chegou ao fim.

Ao apear, o sino marca a hora no campanário branco da torre da velha igreja, bem no meio das minhas recordações. Bato à porta. "Posso entrar, Ti' Antónia?" Sem aguardar resposta, sigo caminho até ao forno. Cheira a lenha, a forno quente. A masseira em cima da mesa, o pão a acabar de amassar, "Nosso Senhor te acrescente, como as almas no Céu para sempre", lenga-lenga ritual, o último ingrediente para que o pão coza e sacie. A farinha esvoaça, tão leve como o gesto, eternamente repetido. "Vamos deixá-lo fintar".

Um abraço, um beijo, a conversa segue, como estão todos...o que tens feito... As mãos da Ti' Antónia acompanham-lhe as palavras. Ouço, respondo, deixo-me invadir pela suave sensação de quem regressasse no tempo.

Ajudo a compor a mesa, é preciso arranjar espaço para a outra masseira, a dos bolos de azeite. "Come – disse a Ti' Antónia – na cidade não tens tu disto!" Envolto num cincho – a Ti' Antónia sempre gostou de o manter assim até ao momento de servir – o queijo é posto em cima da mesa e logo cortado em largas fatias; o pão da primeira fornada, ainda quente, a manteiga, as azeitonas, o doce de ginja. Um hiato saboroso no tempo, quebrado por um único sentimento dissonante, quase doloroso, a consciência do presente.

"Olha a nossa cachopa!", um sorriso, um aperto de mão, o pudor da gente simples que não esconde o carinho manifesto na conversa fraterna de quem vive pelo coração. O Ti' Domingos acabou de deixar as ovelhas no redil, no meio do ruído dos chocalhos.

Os empregados ficaram a tratar da ordenha, mecânica, porque a queijeira obedece às mais recentes normas europeias; só não substituíram – ainda – a flor do cardo bravo do campo.

O presente e o futuro enleados, como numa fuga à realidade crua do dia a dia, estéril e mecânico, da grande cidade. O tempo é o mesmo e eu também sou. As minhas raízes, os percursos que escolhi e os caminhos que eu quero percorrer, tão meus como a cidade que também amo e à qual já pertença, tão meus como a Beira Raiana, cravada nestes socos fronteiros, vincados até ao mais profundo do meu ser.

Há espaços, há tempos que são nossos, para sempre, aos quais gostaríamos de regressar por vezes como a dimensões paralelas por reviver. Ingredientes do nosso dia a dia que contribuem com o seu sabor, o seu perfume, o seu ruído, para a construção dos nossos projectos de vida. Existem pessoas – como a Cristina Ataíde – que têm a magia de nos fazer tomar consciência da mistura complexa que somos e nos oferecem momentos de magia, porque nas mãos delas, na sua arte, a matéria, a pedra, o granito são Pedra Filosofal que desvenda a Vida.

Cristina Granada
4.9.2002